

“Música para olhar do lado de dentro”: um projeto social com crianças no Transtorno do Espectro do Autismo

Lenilce da Silva Reis Santana

Universidade Federal de Minas Gerais
<https://orcid.org/0000-0002-2182-3052>
nyce_reis@yahoo.com.br

Gabryelle de Lima Pereira

Universidade Estadual de Feira de Santana
<https://orcid.org/0009-0006-8512-1320>
gaby6lima7@gmail.com

SANTANA, Lenilce da Silva Reis; PEREIRA, Gabryelle de Lima.
“Música para olhar do lado de dentro”: um projeto social com crianças no Transtorno do Espectro do Autismo. **Revista da Abem**, [s. l.], v. 32, n. 1, e32123, 2024.





“Música para olhar do lado de dentro”: um projeto social com crianças no Transtorno do Espectro do Autismo

Resumo: O presente artigo tem o objetivo de discorrer sobre o desenvolvimento do projeto “Música para olhar do lado de dentro”. Assim, descreve e discute sobre o planejamento e a prática de aulas de musicalização para crianças no Transtorno do Espectro do Autismo (TEA), assim como os desafios, e desdobramentos resultantes. O projeto ocorreu em uma Instituição que atende crianças no TEA em uma cidade baiana. As atividades foram realizadas pelas autoras e pelos monitores que passaram por um curso de formação teórica antes de ministrar as aulas. O projeto, desenvolvido no segundo semestre de 2022 e no primeiro semestre de 2023, teve como objetivo proporcionar o desenvolvimento de habilidades musicais, da interação social e da linguagem em crianças de 3 a 11 anos de idade. Após o planejamento e a execução das atividades, o projeto foi avaliado pelas mães das crianças participantes. As aulas foram planejadas e embasadas a partir de pedagogias da Educação Musical, o que possibilitou as adaptações necessárias para o contexto vivenciado. Foram ministradas 24 aulas, com duração de 20 a 30 minutos, para aproximadamente 40 crianças em nível de suporte 1, 2 e 3. Foi possível observar o desenvolvimento musical das crianças participantes assim como melhorias sensoriais, na comunicação, interação e linguagem. O projeto desenvolvido proporcionou crescimento pessoal, profissional e humanizado de todos os envolvidos.

Palavras-chave: Transtorno do Espectro do Autismo Educação Musical Especial, projeto social.

"Music to look inside": a social project with children in Autism Spectrum Disorder

Abstract: This paper aims to discuss the development of the project "Music to look from the inside" that describes and discusses the planning and practice of music classes for children in Autism Spectrum Disorder (ASD) challenges, and resulting developments. The project took place in an institution that serves children at TEA in a city in Bahia. Authors and monitors underwent a theoretical training course before teaching the classes and carried out the activities. The project, developed in the second half of 2022 and in the first half of 2023, aimed to provide the development of musical skills, social interaction and language in children from 03 to 11 years of age. After the planning and execution of the activities, the mothers of the participating children evaluated the project. The classes were planned and based on pedagogies of Music Education, which enabled the necessary adaptations to the context experienced. Twenty-four classes were taught, lasting 20 to 30 minutes, for approximately 40 children in support level 1, 2 and 3. It was possible to observe the musical development of the participating children as well as sensory improvements in communication, interaction and language. The project developed provided personal, professional and humanized growth of all involved.

Keywords: Autism Spectrum Disorder, Special Music Education, social project.

"Música para mirar desde adentro": un proyecto social con niños en el Trastorno del Espectro del Autismo

Resumen: El presente texto tiene como objetivo discutir el desarrollo del proyecto "Música para mirar hacia adentro", que describe y analiza la planificación y la práctica de clases de musicalización para niños en el Trastorno del Espectro Autista (TEA), así como los desafíos y resultados derivados. El proyecto se llevó a cabo en una Institución que atiende a niños con TEA en una ciudad de Bahía. Las actividades fueron realizadas por las autoras y los monitores que pasaron por un curso de formación teórica antes de impartir las clases. El proyecto, desarrollado en el segundo semestre de 2022 y el primer semestre de 2023, tuvo como objetivo proporcionar el desarrollo de habilidades musicales, la interacción social y el lenguaje en niños de 03 a 11 años de edad. Después de la planificación y ejecución de las actividades, el proyecto fue evaluado por las madres de los niños participantes. Las clases fueron planificadas y basadas en pedagogías de la Educación Musical, lo que permitió las adaptaciones necesarias para el contexto vivido. Se impartieron 24 clases, con una duración de 20 a 30 minutos, para aproximadamente 40 niños en niveles de apoyo 1, 2 y 3. Se pudo observar el desarrollo musical de los niños participantes así como mejoras sensoriales, en la comunicación, interacción y lenguaje. El proyecto desarrollado proporcionó crecimiento personal, profesional y humanizado a todos los involucrados.

Palabras clave: Trastorno del Espectro del Autismo, Educación Musical Especial, proyecto social.



Introdução

Este artigo tem como objetivo discorrer sobre o desenvolvimento de um projeto social, destacando os desafios e os desdobramentos decorrentes de sua implementação. O projeto foi desenvolvido durante a pesquisa de mestrado¹ da primeira autora, a qual investigou a influência da educação musical no desenvolvimento de crianças no² Transtorno do Espectro do Autismo e a sua relação com a Disfunção da Integração Sensorial. A investigação se deu por meio de uma pesquisa-ação com abordagem mista e de natureza exploratória-descritiva.

O projeto “Música para olhar do lado de dentro” teve início em 2018, motivado por uma observação mais aprofundada em relação a um público que, por muito tempo, foi rotulado como pertencente ao “mundo azul”³. Apesar de no senso comum essa expressão ainda ser usada para se referir a pessoas diagnosticadas no Transtorno do Espectro do Autismo (TEA), ela não é bem recebida atualmente. Isso ocorre porque, além de sugerir uma concepção infantilizada do TEA, também contribui para aumentar a invisibilidade do diagnóstico TEA em mulheres (Brilhante *et al.*, 2021).

O primeiro contato das autoras com esse público ocorreu durante um workshop de “Técnicas de Improvisação Clínica”, ministrado pela musicoterapeuta e pesquisadora Dr^a. Marina Freire Horta⁴, em 2014, no Conservatório Estadual de Música Lorenzo Fernández (CELF), em Montes Claros-MG. A partir do trabalho e das atividades por ela desenvolvidas, houve motivação para o aprofundamento dos estudos e a busca por um melhor entendimento sobre o tema.

¹ Ver Santana (2023).

² A expressão “no TEA” é amplamente defendida pela comunidade de pessoas autistas, profissionais e pesquisadores da área. Esse termo considera o Transtorno do Espectro do Autismo como uma condição intrínseca e permanente, reforçando que o autismo é parte da identidade da pessoa. Por outro lado, a expressão “com TEA” pode transmitir, ainda que de forma não intencional, a ideia de que o autismo é algo separável da pessoa, como se existisse a possibilidade de ser “com” ou “sem” autismo. No entanto, não existem pessoas “sem autismo” quando se trata de quem está dentro do espectro.

³ A cor azul foi escolhida como um dos símbolos para representar o TEA devido ao grande número de diagnósticos em meninos. Contudo, na atualidade, o termo “mundo azul” ou “anjo azul” não é bem-visto nas comunidades autistas, até porque estudos recentes já vêm comprovando que pode não haver muitas diferenças nas estatísticas de gênero (<https://genialcare.com.br/blog/dia-mundial-da-conscientizacao-do-autismo/>).

⁴ Musicoterapeuta, docente do curso de Musicoterapia (Bacharelado em Música - Habilitação em Musicoterapia) da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e vice-diretora do Centro de Musicalização Integrado (órgão complementar da Escola de Música da UFMG).

Durante o curso de Licenciatura em Música, a primeira autora teve a oportunidade de trabalhar como bolsista no Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID)⁵ e, posteriormente, no Grupo PET ARTES MÚSICA⁶. Ambos os projetos proporcionaram um contato com pessoas no TEA. Foi a participação no Grupo PET que inspirou e oportunizou a idealização do projeto “Música para olhar do lado de dentro” (Santana *et al.*, 2019), que teve por objetivo proporcionar aulas de musicalização para crianças no TEA. A primeira etapa do projeto ocorreu na Associação Norte Mineira de Apoio ao Autismo (ANDA)⁷.

Para implementar o projeto, foi essencial realizar uma capacitação envolvendo profissionais especializados no TEA, como psicólogos, fisioterapeutas e psicopedagogos. Vários acadêmicos do curso de Música participaram da capacitação, pois um dos requisitos para atuar como monitor no projeto era completar esse treinamento. Isso foi fundamental para que todos pudessem compreender o universo do Transtorno do Espectro do Autismo. Durante esse processo de aprendizagem, a primeira autora reconheceu alguns sinais e sintomas que resultaram em um diagnóstico de TEA tardio, já na fase adulta. Esse fato intensificou ainda mais o interesse em buscar conhecimento sobre o tema.

Durante a pandemia, o projeto na ANDA foi suspenso. No entanto, a realização de uma pesquisa de mestrado permitiu explorar as interfaces da Educação Musical, do TEA e da Integração Sensorial (Santana; Silva Júnior, 2022). Para realizar essa pesquisa, foi necessário formar uma equipe capaz de atender às demais crianças da instituição envolvida. Desse modo, elaborou-se um curso de capacitação e formação voltado para acadêmicos de música e pedagogia que possibilitou a adaptação e a implementação do projeto “Música para olhar do lado de dentro” em outra região do país. Ressalta-se o papel das autoras como coordenadora e monitora, respectivamente, na estrutura da equipe do projeto.

⁵ Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência – PIBID financiado pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes).

⁶ O Programa de Educação Tutorial é uma ação do Ministério de Educação (MEC) e, na Universidade Estadual de Montes Claros, está vinculado à Coordenadoria de Projetos Especiais da Pró-Reitoria de Ensino. Os grupos PET têm a orientação de um(a) professor(a) tutor(a) e têm como objetivo propiciar aos(as) acadêmicos(as) envolvidos(as) a participação em atividades extracurriculares que agreguem à formação acadêmica e atendam às necessidades do próprio curso de graduação.

⁷ ANDA é uma entidade civil sem fins lucrativos, que tem personalidade jurídica de direito privado, sendo apartidária e apolítica, e atende pessoas no TEA com variadas faixas etárias.

Este artigo foi estruturado da seguinte forma: inicialmente, apresentamos um breve histórico do Transtorno do Espectro do Autismo, seguido por uma discussão sobre a Educação Musical Inclusiva e a Integração Sensorial, com o objetivo de ajudar o leitor a desenvolver uma visão mais introspectiva. Em seguida, abordamos os sujeitos que receberam essa abordagem e as estratégias e atividades aplicadas. Finalmente, refletimos sobre essas experiências, analisando tanto nosso próprio aprendizado quanto o impacto nas interações com os outros.

Como olhar para dentro?

A verdadeira compaixão não significa apenas sentir a dor de outra pessoa, mas estar motivado a eliminá-la (GOLEMAN, 1996).

O conhecimento é uma ferramenta essencial que nos permite compreender o outro e atender às suas especificidades. Embora o TEA esteja presente desde o nascimento, os sinais podem se manifestar de maneiras e intensidades variadas, por vezes de forma mais sutil, dificultando o diagnóstico precoce. Conforme o DSM-V-TR⁸ (Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais), suas características incluem dificuldade e/ou prejuízo na linguagem, na comunicação e na interação social, além de comportamentos repetitivos e interesses restritos (APA, 2023; Santana; Silva Júnior; Sampaio, 2023).

O TEA é complexo, uma vez que as variações nos sinais e sintomas são únicas para cada indivíduo. O DSM-V ressalta que as distinções de cada sinal e sintoma, assim como questões relacionadas à Deficiência Intelectual (DI) e linguagem, podem ser avaliadas para determinar as habilidades e os níveis de suporte necessários para cada pessoa com TEA (APA, 2023; Santana; Silva Júnior; Sampaio, 2023).

Os níveis de classificação no Transtorno do Espectro do Autismo não são inflexíveis e não devem ser usados como um estereótipo; uma pessoa com nível 1 de suporte pode apresentar limiares no nível 2, assim como uma pessoa com nível

⁸ O Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais, 5ª edição, texto revisado (DSM-5-TR), é um recurso essencial para o diagnóstico e a classificação de transtornos mentais. APA - AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION (2023).

2 pode ter limiares no nível 3. No entanto, com terapias adequadas, uma pessoa de nível 3 pode progredir para o nível 1. Da mesma forma, uma pessoa de nível 1 pode involuir para o nível 3 se não receber a terapia apropriada (Santana, 2023; Silva Júnior; Sampaio, 2023).

O Nível 1 de suporte envolve dificuldades nas interações e comunicação social, contudo, a pessoa demonstra independência e necessidade de suporte mínimo. No Nível 2 de suporte, mesmo com apoio e suporte, são evidentes prejuízos, com maiores desafios nas interações e comunicação social. Já o Nível de suporte 3 exige muito apoio e suporte, manifestando prejuízos nas interações e comunicação muito limitada. Esses níveis proporcionam uma compreensão mais refinada das necessidades individuais e orientam as estratégias de apoio adequadas para cada caso (APA, 2023; Santana, 2023; Santana, Silva Júnior; Sampaio, 2023).

Conforme dados estatísticos, apontados pelo Center for Disease Control and Prevention⁹ (CDC, 2022), na atualidade, para cada 36 crianças há um diagnóstico de TEA. O aumento observado pode ser atribuído à divulgação abrangente dos sinais, resultando em maior conscientização dos familiares e profissionais. Até recentemente, os estudos apontavam desconhecer-se os motivos pelos quais o TEA apresentava uma expressividade no sexo masculino, sendo na proporção de a cada três meninos, apenas uma menina diagnosticada com TEA (CDC, 2022).

Contudo, um estudo publicado em junho de 2022, pela Dra. Catherine Burrows e equipe, sugere que a equivalência entre os sexos pode ser menor ou até mesmo igual (Burrows *et al.*, 2022). Isso poderia ser explicado pelas diferenças dos gêneros e, mais especificamente, pela capacidade das mulheres autistas de camuflar os sinais e sintomas (Vasconcelos, 2022).

A Educação Musical e o “olhar para dentro”

Na Conferência Mundial sobre Educação Especial, em Salamanca, na Espanha, em 1994, criou-se um dos documentos mais importantes no que se refere à inclusão: a Declaração de Salamanca. Contudo, o processo ainda não é

⁹ Centros de Controle e Prevenção de Doenças é uma agência do Departamento de Saúde e Serviços Humanos dos Estados Unidos.

efetivo em muitos âmbitos da sociedade, inclusive na educação. Incluir é permitir acesso com equidade e respeito às especificidades únicas que cada ser humano carrega consigo (Drogomirecki, 2010).

Segundo Aranha (2001), a inclusão não é só um movimento, mas uma precedência política necessária quanto à igualdade social, para que as singularidades de cada comunidade sejam acolhidas com justiça, moralidade e equidade. Foi a partir da Lei nº 12.764, de 27 de dezembro de 2012, quando instituída a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro do Autismo, que o TEA passou a ser considerado como uma deficiência, no Brasil. Dentre as diretrizes da Lei nº 12.764, consta o direito ao diagnóstico precoce, a acessibilidade ao atendimento de equipe multiprofissional, a medicamentos, o acesso à moradia, ao mercado de trabalho e à previdência social e assistência social, à educação e ao ensino profissionalizante (Brasil, 2012).

Em 2015, foi criada a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência, (Lei nº 13.146/2015), que assegura a inclusão das classes minoritárias, envolvendo programas sociais, auxílio psicossocial, entre outros. É ela que garante que os direitos e necessidades de Pessoas com Deficiência (PcD) sejam assegurados e pactuados nas políticas públicas (Brasil, 2015).

O campo das artes permite liberdade de expressão, criatividade, além de outras descobertas. Bertoluchi (2011) corrobora, apontando que a arte facilita a invenção, criação e reinvenção do mundo que nos rodeia, além de aumentar a capacidade de raciocínio, contribuindo para solucionar vários desafios. Segundo Gattino (2022), a música como benefício e relevância no TEA pode ser vista de duas formas:

Na perspectiva diagnóstica, o autismo é visto como um transtorno, e a música é utilizada para atenuar e modificar comportamentos e sintomas associados. Em contrapartida, na visão da neurodiversidade, o autismo é considerado uma variação do neurodesenvolvimento, cujas características podem ser limitadoras ou não, dependendo da percepção do indivíduo. Nesse contexto, a música permite a expressão das pessoas no espectro autista, promovendo inclusão, busca de sentido e bem-estar (Gattino, 2022, p. 80-81).

A Educação Musical Especial permite estimular e desenvolver habilidades musicais acessíveis, independentemente das limitações que possam existir, favorecendo a inclusão do indivíduo. A Educação Musical Inclusiva busca



oportunizar a todos os alunos a vivência musical, a expressão e o encontro consigo próprio (Oliveira; Parizzi, 2023). Nessa direção, Gainza (1998) afirma que o objetivo específico da Educação Musical é oferecer ao indivíduo a oportunidade de interagir com seu ambiente musical e sonoro, explorar e ampliar suas formas de expressão musical e, por fim, incentivar uma musicalização mais abrangente.

Por sua vez, Louro (2015) observa que a Educação Musical Inclusiva acontece quando pessoas com e sem deficiências estão integradas no mesmo ambiente educacional musical, de forma consciente e com orientação pedagógica, para que todas possam aprender juntas, respeitando as particularidades de cada indivíduo. Pressupondo que as habilidades musicais possam ser disseminadas em vários ambientes, contextos e idades, a Educação Musical pode possibilitar não apenas novos conhecimentos, mas favorecer o processo inclusivo.

Louro (2006) destaca que todos têm a capacidade de aprender música. Isso significa que todos, incluindo alunos com necessidades educacionais especiais, podem desenvolver conhecimentos e habilidades específicas relacionadas à arte musical, sejam elas teóricas ou práticas instrumentais. Louro (2006, p. 33) reforça que [...] “damos ênfase a essa questão por haver, ainda, quem defenda que para esses alunos, a música serviria, apenas, como terapia, como instrumento de reabilitação, recreação ou socialização”.

Assim como Louro, sabemos que a música é muito mais do que isso, pois pode promover um desenvolvimento musical significativo e impactar o indivíduo em suas dimensões física, mental, emocional e social. Logo, propiciar às crianças no TEA vivências e aprendizagens musicais pode contribuir para o desenvolvimento de habilidades musicais e favorecer ganhos em relação a outras competências. Para tanto, é importante que o professor apresente atividades lúdicas, diferenciadas para cada público e idade (Louro, 2021; Santana, 2023).

Santana e Silva Junior (2022 p. 3) acrescentam que “as atividades devem ser propostas de forma que busquem alcançar resultados significativos dos elementos musicais propostos”, sempre com olhar atento para cada indivíduo e suas especificidades. De acordo com Santana (2019, 2023), vários estudos discorrem sobre a contribuição das atividades musicais não só no desenvolvimento musical,



como também na ampliação de outras habilidades em crianças no TEA, tais como: interação social, da comunicação e linguagem, entre outros.

São quesito importante a ser considerado, quanto ao planejamento de aula, as questões sensoriais. A maioria das pessoas no TEA manifesta percepções sensoriais diferentes de outros indivíduos, podendo apresentar hiperresponsividade¹⁰ ou hiporresponsividade¹¹ aos estímulos recebidos, além de outras mudanças comportamentais (Santana, 2023; Santana, Silva Júnior; Sampaio, 2023). Segundo Monteiro *et al.* (2020),

aproximadamente 45% a 96% dos indivíduos no Transtorno do Espectro do Autismo apresentam algum tipo de Disfunção de Integração Sensorial. Esses indivíduos enfrentam dificuldades para se adaptar aos estímulos sensoriais do ambiente, o que pode impactar diretamente na interação social e nas atividades escolares (Monteiro et al. 2020, p. 3).

De acordo com Santana e colaboradores (2019, p. 23), “para que as atividades possam ocorrer de forma satisfatória, é importante que o educador musical planeje bem as suas aulas, tenha estratégias e várias abordagens para um mesmo tempo”. Conhecer sobre a Integração Sensorial e os transtornos advindos dela pode contribuir para que o educador musical identifique possíveis alterações de comportamento, resultantes de uma desregulação sensorial, o que facilitará no manejo e na condução das aulas (Santana, 2023; Santana, Silva Júnior; Sampaio, 2023).

Santana, Silva Júnior e Sampaio (2023) ressaltam a necessidade de se considerar as particularidades individuais de cada criança, já que cada uma é única. No contexto do Transtorno do Espectro do Autismo (TEA), devido à sua natureza como um espectro que abrange diversas nuances comportamentais, as necessidades de suporte nunca serão uniformes, mesmo quando se trata do mesmo nível de suporte. Um elemento crucial para promover a inclusão é a colaboração entre a família, a escola e a equipe multidisciplinar (Santana, 2023). Sobre a importância dessa parceria, Oliveira e Parizzi (2022) discorrem que,

identificando um aluno com disfunção de integração sensorial, convém ao professor conversar com pais e/ou outras pessoas que lidam com tal

¹⁰ Respostas de um estímulo ou à sensação são menores do que o esperado (Bundy; Lane, 2020).

¹¹ Respostas de um estímulo ou à sensação são maiores do que o esperado (Bundy; Lane, 2020).





criança (responsáveis, terapeutas etc.) para que de posse de informações básicas, reações extremas numa sala de aula sejam previstas e/ou atenuadas (Oliveira; Parizzi, 2022, p. 138).

Sempre será um desafio, e não existe uma “receita” pronta. No entanto, com uma abordagem atenta na perspectiva inclusiva, focada no indivíduo em vez do diagnóstico, o educador musical pode alcançar uma variedade de resultados. Além do desenvolvimento de habilidades musicais, é possível obter melhorias em outras áreas, como comunicação, linguagem, interação social e regulação sensorial (Santana, 2023; Santana, Silva Júnior; Sampaio, 2023).

Santana (2023) orienta que ao considerar as opções de adaptação, é importante destacar que o ambiente deve ser preparado e estruturado para receber crianças no Transtorno do Espectro do Autismo. Oliveira e Parizzi (2022, p. 140) reforçam que esse ambiente de aprendizagem se “necessário deve ajustar as luzes, o número de alunos da turma, o tamanho da sala, o local dos assentos, a duração das aulas”. Santana, Silva Júnior e Sampaio (2023) corroboram ao apontar que a redução de “estímulos ambientais, não apenas os visuais, como também os sonoros, olfativos”, entre outros, podem diminuir ou evitar desregulação sensorial e uma possível crise comportamental.

No autismo, a crise é o período em que uma pessoa no TEA pode apresentar comportamentos intensos, explosivos, desafiadores (como agressão, choro, gritos, estereotípias¹², mudanças de humor e/ou fuga), ou desligamento, comumente referida como "crise de comportamento" ou "desregulação". Além da sobrecarga sensorial, mudanças na rotina, frustração na comunicação ou estresse emocional, essas também podem ocasionar uma crise. Portanto, comportamentos como irritação incomum, aumento de comportamentos estereotipados (como balançar ou girar), resistência a atividades que antes eram realizadas com facilidade e sinais visíveis de desconforto, como franzir a testa, morder os lábios ou vocalizações e balbucios incompreensíveis, podem indicar que uma crise está prestes a ocorrer (DSM-V-TR, 2023; Santana, 2023).

No caso de ocorrência de uma crise, é fundamental afastar imediatamente a criança do ambiente estressante, proporcionar conforto e comunicar-se com ela de

¹² Estereotípias são movimentos repetitivos (DSM-V-TR, 2023)



forma lenta e suave. É importante pedir à criança para inspirar (cheirar a florzinha) e expirar (assoprar a velinha). É benéfico envolver os sentidos, oferecendo objetos que a criança aprecia, por exemplo: entregando algo para ela segurar (tato), pedindo que observe algo (visão), incentivando-a a cheirar algo (olfato), oferecendo água ou, se possível, algo que ela goste de comer (paladar e olfato) e alguma música de que ela goste. O uso de um brinquedo, como um soprador de bolhas, pode ser útil nessas situações ou, simplesmente, oferecer o silêncio, esperar que ela extravase as emoções sob as quais ainda não tem controle e/ou compreensão. Identificar e reconhecer possíveis gatilhos é fundamental para ajudar na prevenção de crises futuras. Essas medidas podem ajudar a acolher, atenuar e/ou encerrar uma crise, lembrando que cada pessoa reage e responde de maneiras distintas (Santana, 2023).

E como olhar para dentro?

O conhecimento não só fortalece, como permite entender, respeitar e contribuir. Dessa forma, esse projeto, originado em outra cidade, foi adaptado no estado da Bahia, sendo implementado em uma instituição pública que atende crianças no Transtorno do Espectro do Autismo.

Para formar a equipe, foi feita uma parceria com o Centro de Educação Musical Miguel Pietro (CEMMP) e com o Grupo de Estudos de Autorregulação da Aprendizagem Musical da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS). O curso "Abordagem Pedagógica Musical, Autismo e Integração Sensorial", desenvolvido pela coordenação do projeto, foi amplamente divulgado nas redes sociais no primeiro semestre de 2022: a primeira parte do curso ocorreu de forma online e síncrona, por meio da plataforma Google Meet, no mês de julho de 2022, permitindo a participação de mais de cem pessoas de todo o Brasil. A parte prática foi presencial, e todos os participantes que alcançaram 100% de presença nas aulas online e que residiam na cidade de Feira de Santana (BA) ou nas proximidades puderam participar, totalizando 28 profissionais e acadêmicos.

Para integrar o projeto como monitores, foram selecionados alunos dos cursos de licenciatura em Música e Pedagogia da UEFS, bem como de outras universidades no Estado da Bahia. As aulas do projeto na instituição transcorreram

durante o segundo semestre de 2022 e o primeiro semestre de 2023. Os monitores foram envolvidos semanalmente no planejamento das aulas, participando de discussões e avaliações de maneira síncrona e online através da plataforma Google Meet. Eles foram organizados em equipes para participar ativamente das aulas ministradas às sextas-feiras, abrangendo os turnos da manhã e da tarde.

Como ponto de partida, as atividades planejadas tinham como objetivo explorar a experiência musical por meio da escuta, do sentir e do fazer musical, integrando o corpo, a voz, o ritmo, o movimento e os sentidos. Nesta perspectiva, utilizamos abordagens de educadores musicais da primeira geração, como Émile Jacques-Dalcroze, Edgar Willems, Zoltán Kodály e Maurice Martenot. Segundo Parejo (2012, p. 92), “esses educadores musicais fomentaram um ensino musical ativo, lúdico e tendo a criança como centro de partida”.

Os objetivos que orientaram o plano pedagógico, fundamentados nas propostas metodológicas dos educadores musicais mencionados anteriormente, incluíram: apresentar os intervalos musicais, como também, altura, timbre, intensidade e duração, por meio de atividades lúdicas, jogos e improvisações musicais; proporcionar experiências musicais por meio de participações livres, exploração de instrumentos e imitação; explorar a expressão musical e a comunicação social por meio de atividades musicais divertidas.

Os planos de aula, elaborados semanalmente, tinham como objetivo levar em consideração a individualidade de cada criança, assim como suas peculiaridades sensoriais. Eles seguiram a seguinte sequência de atividades: acolhimento, alongamento, atividades (conteúdos), relaxamento e despedida. Os conteúdos abordados foram: ritmo, pulsação, som e suas propriedades (timbre, altura, duração e intensidade), fontes sonoras alternativas, imitação, criação e improvisação.

Olhando para dentro: para quem?

Após obter a aprovação da instituição, a equipe comunicou os pais, cujos filhos foram cadastrados por meio de mensagens no aplicativo WhatsApp, que seria realizada uma aula de música experimental para apresentar o projeto. Essa aula ocorreu no auditório da instituição e contou com a presença da equipe inicial,

composta por 16 monitores. Foi um encontro em que se tornou visível o quanto os pais das crianças se sentiram acolhidos e satisfeitos. Este aspecto, por si só, representa um tema significativo para futuros estudos, destacando a importância de direcionar a atenção àqueles que desempenham o papel de cuidadores.

Ao final da aula, os pais foram informados de que o projeto ocorreria semanalmente, às sextas-feiras, durante os dois turnos, pela manhã e à tarde. As aulas seriam conduzidas em grupos, com duração de 20 a 30 minutos, adaptando-se à evolução e ao ritmo de cada criança. Com base nas inscrições realizadas no segundo semestre de 2022 e no primeiro semestre de 2023, foram contempladas aproximadamente 40 crianças, sendo que apenas cinco eram do sexo feminino.



Figura 1 – Acolhimento. Fonte: acervo das autoras (2023).

A primeira aula do projeto ocorreu no auditório da instituição, em 30 de setembro de 2022, com todos os inscritos em seus respectivos turnos (manhã e tarde), para que fosse possível conhecê-los e fazer a enturmação. Em seguida, as turmas foram separadas com base nos dados fornecidos na ficha de inscrição, como idade, nível de suporte e observações realizadas na primeira aula. As aulas começaram com as turmas divididas na semana seguinte. Para receber as crianças, foi colocado um cartaz na parede ao lado da porta (Figura 1) e, antes de entrar na sala, cada criança escolhia como queria ser cumprimentada (Figuras 2 e 3).





Figura 2 – Acolhimento. Fonte: acervo das autoras (2023).



Figura 3 – Acolhimento. Fonte: acervo das autoras (2023).

As aulas transcorreram até 18 de dezembro de 2022, com um recesso seguindo o calendário da instituição, e foram retomadas em fevereiro de 2023, estendendo-se até junho de 2023. Durante o primeiro semestre de 2023, as monitoras conduziram atividades musicais e de acolhimento com as mães, proporcionando um espaço para que compartilhassem suas dificuldades e expressassem gratidão pelos momentos vivenciados¹³.

A evolução musical e pessoal dos alunos participantes foi perceptível a cada aula, a partir de parâmetros de análise que detalhamos a seguir. Uma das crianças demonstrou hiperresponsividade auditiva, mostrando intolerância a diferentes

¹³ O relato está disponível para leitura na íntegra. Ver Pereira et al. (2023).

timbres, e se desorganizava comportamentalmente com facilidade. Para evitar a dessensibilização¹⁴, uma estratégia definida foi reduzir a intensidade e a oferta dos diferentes instrumentos. Ao longo das aulas, a criança passou a se interessar pelos instrumentos rejeitados anteriormente. As atividades progrediram para explorar parâmetros como agudo e grave, longo e curto, sempre apresentadas em baixa intensidade, com atenção constante ao conforto da criança.

Nas últimas aulas do projeto, a própria criança sugeriu algumas propostas, incluindo o aumento da intensidade, sem manifestar qualquer desconforto. A equipe destacou a importância de ter recebido um relato da mãe expressando sua felicidade, pois os diferentes tipos de som e intensidades já não incomodavam mais sua criança, e ela enviou um vídeo da criança aprendendo a tocar Ukulele na escola.

Ressalta-se o quanto um avanço como este é significativo e complexo em se tratando de uma criança no TEA. Entre as atividades realizadas com os grupos de crianças, foram observados avanços na percepção e exploração rítmica, sonora e vocal. Para abordar conceitos como contrastes de andamentos, percepção do silêncio e compreensão dos sons e suas propriedades (timbre, altura, duração e intensidade), foram utilizados recursos que facilitaram a compreensão concreta desses conceitos ao longo das aulas (Figuras 4¹⁵ e 5).



Figura 4 – Identificando os timbres. Fonte: acervo das autoras (2023).

¹⁴ A dessensibilização consiste em expor a criança à estimulação rejeitada, por repetidas vezes, o que pode contribuir para aumentar a aversão ao estímulo rejeitado (Bundy; Lane, 2020).

¹⁵ Todos os pais e/ou responsáveis pelas crianças inscritas no projeto assinaram um termo de consentimento para divulgação das imagens em trabalhos científicos.



Figura 5 – Colorindo as figuras dos timbres reconhecidos. Fonte: acervo das autoras (2023).

Oliveira e Parizzi (2022, p. 138) orientam: “não apresentamos conceitos logo na fase inicial do processo”, mas trabalhem de forma contínua e aprofundada os conteúdos vivenciados para que os alunos possam internalizar cada tema e aplicá-lo na prática.

Foram empregadas representações visuais de animais que produzem sons de frequências graves e agudas com o objetivo constante de explorar contrastes e dinâmicas sonoras (Figura 6). Oliveira e Parizzi (2022, p. 139) confirmam que a “exploração de grandes contrastes é recomendada para que o aluno possa perceber os fenômenos estudados”. Na Figura 7, a dinâmica da atividade envolveu uma orientação musical dirigida por um dos alunos, enquanto os demais levantavam plaquinhas correspondentes aos sons indicados (verde para sons graves e vermelho para sons agudos).



Figura 6 – Reconhecendo timbres e planos de altura. Fonte: acervo das autoras (2023).



Figura 7 – Ditado Altura. Fonte: acervo das autoras (2023).

As crianças que não manifestaram sinais de desregulação sensorial demonstraram uma maior facilidade em perceber a pulsação da canção apresentada, sendo também notável o ritmo interno peculiar de cada uma. Embora, por vezes, não conseguissem manter a pulsação de forma contínua, elas interrompiam, descansavam e retomavam a atividade na pulsação realizada, denotando a presença de regulação temporal. As atividades destacadas nas Figuras 8 e 9 envolveram a exploração rítmica com copos, abordando simultaneamente outros aspectos como intensidade, expressão e vocalização.



Figura 8 – Explorando ritmo, expressão corporal e espacialidade. Fonte: acervo das autoras (2023).



Figura 9 – Ritmos com copos. Fonte: acervo das autoras (2023).

Para encerrar, em junho, foi realizada uma aula coletiva e aberta, envolvendo todas as turmas, apresentando o trabalho aos pais e à instituição. Foi um momento significativo, especialmente para os pais, já que a maioria enfrenta vulnerabilidades sociais e econômicas e que, a despeito das condições limitadas, lutam diariamente para oferecer o máximo de estímulos possíveis para seus filhos¹⁶.

Considerando os olhares

*Suponho que me entender não é
uma questão de inteligência
e sim de sentir,
de entrar em contato...
Ou toca, ou não toca.
E, se me achar esquisita, respeite também.
Até eu fui obrigada a me respeitar.
(Clarice Lispector, 1999)*

Olhar e tocar, sem tocar. Respeitar. Incluir o outro, tocando com o olhar. Despindo-se de crenças e capacitismo, para olhar o outro e entender. Compreender, respeitar suas necessidades e intervir. Com sons, com toque, com palavras. Não é tão simples assim. O Transtorno do Espectro do Autismo, por si só, não é simples. É um transtorno comportamental que está frequentemente

¹⁶ Ver mais sobre as impressões das mães a respeito do projeto em Pereira *et al.*, 2023.



associado a diversas comorbidades, o que aumenta os desafios cotidianos. As pessoas que convivem com esse transtorno necessitam de compreensão e acolhimento em relação às suas dores e necessidades. Logo, é importante que a comunidade, a sociedade conheça e entenda. A verdadeira inclusão não é possível sem conhecimento.

Em sua obra "A República", Platão discute o papel da música na educação e no desenvolvimento da alma, reconhecendo seu poder de unir e emocionar as pessoas. Sem palavras. Sons que transcendem barreiras, modificam sentimentos, sensações e comportamentos. Uma forma especial de comunicação e expressão. Depois de mais de 20 aulas, um aluno que não verbalizava, sorriu e cantou a sílaba "tá", acompanhando a canção. Entretanto, ele já se comunicava o tempo todo: a equipe "ouvia" o que ele não dizia com palavras. A música pode ser uma ponte para compreender e acolher as experiências e emoções dos outros.

Ações simples podem resultar em grandes avanços, especialmente no contexto do Transtorno do Espectro do Autismo (TEA). É o caso de outra criança, inicialmente incapaz de ouvir as canções devido à desregulação sensorial, mas que ao final da intervenção chorava por não querer sair da sala. Isso destaca a importância da adaptação gradual das atividades. A abordagem, demonstrando sensibilidade às suas emoções, permitiu que ela desafiasse seus próprios desconfortos. A música e o respeito a dignificaram.

Pequenas ações, grandes avanços: isso reflete a realidade do TEA, em que mesmo as pequenas conquistas têm significados imensos para aquelas mães/cuidadoras que muitas vezes não encontram "tempo" para dedicarem a si mesmas. Uma chegou a verbalizar que há tempos não sabia o que era ser felicidade, mas que havia encontrado a paz, ali, por poucos minutos, pelo olhar, pelo som. A música é para todos, já apregoava Jonh Paynter (1970 *apud* Mateiro, 2011).

É uma jornada desafiadora, mas os obstáculos podem ser menores quando o educador musical se dedica a aprender, compreender e integrar a teoria à prática de maneira lúdica. Por fim, foi possível notar o avanço no desenvolvimento musical das crianças, assim como a promoção e melhoria significativa da interação social, da comunicação e da regulação sensorial.



Conclui-se que o projeto “Música para olhar do lado de dentro” foi capaz de proporcionar momentos significativos para as crianças e monitores envolvidos. A Educação Musical Especial fora dos espaços convencionais pode ser uma realidade e um caminho para promover o desenvolvimento musical de crianças no TEA, ao mesmo tempo em que proporciona ganhos extramusicais significativos para sua integração na sociedade. Incluir devidamente requer esforços consideráveis, e embora sejam poucos os que têm essa disposição, aqueles que se propõem devem fazê-lo de maneira holística e humanizada.

É fundamental destacar a necessidade de incorporar nos currículos dos cursos de licenciatura em Música o estudo dos transtornos de neurodesenvolvimento, com ênfase especial no Transtorno do Espectro do Autismo (TEA). A mídia frequentemente relata situações em que alguns educadores enfrentam desafios, e, dentre muitas razões, a falta de conhecimento impede a compreensão necessária para os diversos “olhares” que as crianças e as pessoas no TEA precisam. A inclusão desses temas no currículo acadêmico pode contribuir para uma formação mais abrangente e sensível dos futuros educadores musicais.

Afinal, a academia é o lugar de pensar, aprender e fazer. Aristóteles (2018) já dizia que se aprende a fazer aquilo que se deve aprender, fazendo. Oliveira (2020), na conclusão de sua tese, que também aborda Educação Musical para pessoas no TEA, destacou que o solo é vasto. Pode-se acrescentar: é vasto e precisa de lavradores. Quem sabe, você leitor(a), se sinta instigado(a), e venha semear também?

Agradecimentos

Agradecemos à Capes, ao CEMMP e ao Grupo de Estudos de Autorregulação da Aprendizagem Musical da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS).



Referências

APA - AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. **Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais Revisado** - DSM-5-TR. 5ª ed. Porto Alegre: Artmed, 2023.

ARANHA, M. S. F. Paradigmas da relação da sociedade com as pessoas com deficiência. **Revista do Ministério Público do Trabalho**. Brasília, DF, v. 11, n. 21, p. 160-173, 2001.

ARISTÓTELES. **Ética a Nicômaco**. 4. ed. Edipro: 2018. 392p.

BERTOLUCHI, M. A. **Autismo, musicalização e musicoterapia**. 2011. Centro de Estudos e Desenvolvimento do Autismo e Patologias, 2011. Disponível em: <https://docplayer.com.br/8565651-Autismo-musicalizacao-e-musicoterapia-maiara-aparecida-bertoluchi.html>. Acesso em: 11 jun. 2023

BRASIL. Casa Civil. **Lei nº 12.764**, de 27 de dezembro de 2012. Institui a política nacional de proteção dos direitos da pessoa com transtorno do espectro autista. Diário Oficial da União, Poder Executivo, Brasília, DF, 28 dez. 2012. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/l12764.htm. Acesso em: 16 jun. 2023.

BRASIL. Casa Civil. **Lei nº 13.146**, de 6 de julho de 2015. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). Diário Oficial da União, Poder Executivo, Brasília, DF, 06 jul. 2015. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/l13146.htm. Acesso em: 16 jun. 2023.

BUNDY, A.; LANE, S. **Sensory Integration Theory and Practice**. 3rd ed. - F.A DAVIS - Philadelphia, 2020. 648 p.

BURROWS, C. A. *et al.* A data-driven approach in an unbiased sample reveals equivalent sex ratio of autism spectrum disorder-associated impairment in early childhood. **Biological psychiatry**, v. 92, n. 8, p. 654-662, 2022. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/35965107/>. Acesso em: 22 jun. 2023.

CDC - **Centers for Disease Control and Prevention**. Data & Statistics on Autism Spectrum Disorder. Disponível em: https://www.cdc.gov/spanish/mediosdecomunicacion/comunicados/p_autismo_032323.html#print. Acesso em 13 de jun. 2023.

DROGOMIRECKI, V. C. **Educação Musical Inclusiva**: um estudo dos dados do Projeto Arte inclusão, do Centro de Educação Profissional em Artes Basileu França (CEPABF). Dissertação (Mestrado em Música) - Escola de Música e



Artes Cênicas da Universidade Federal de Goiás, Goiás, 2010. Disponível em: <http://repositorio.bc.ufg.br/tede/handle/tde/2695>. Acesso em: 09 jun. 2023.

GAINZA, V. H. de. **Estudos de Psicopedagogia Musical**. 3. ed. São Paulo: Summus, 1998.

GATTINO, G. S. Musicoterapia e Autismo. In: Oliveira, G. C.; Freire, M. H.; Parizzi, B.; Sampaio, R. T. (Orgs.). **Música e autismo: ideias em contraponto**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2022, p.79-109.

GOLEMAN, D. **Inteligência Emocional**. 1. ed. Objetiva: 1996. 384p.

LISPECTOR, C. **A descoberta do mundo**. 1. ed. Rocco: 1999. 480p.

LOURO, V. S. et al. **Educação musical e deficiência: propostas pedagógicas**. São José dos Campos: Stúdio II. 2006.

LOURO, V. S. **Educação Musical Inclusiva: desafios e reflexões**. In SILVA, H. L. da; ZILLE, J. A. B. (Orgs.). **Música e Educação**. v. 2. Barbacena: UdUEMG, 2015. p. 33-49.

LOURO, V.S. **Educação musical, Autismo e Neurociências**. 1. ed. Curitiba: Appris, 2021.

MATEIRO, T.; ILARI, B. (Org). **Pedagogias em educação Musical**. Curitiba. Ibpex, 2011.

MONTEIRO, R. C. *et al.* Percepção de Professores em Relação ao Processamento Sensorial de Estudantes com Transtorno do Espectro Autista. Relato de Pesquisa. **Rev. bras. educ. espec.** Bauru, v. 26, n.4, p.623-638, out-dez 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbee/a/6mdg7TjHZHpSgZzsBCxZ6Ss/?lang=pt>. Acesso em: 13 fev. 2023.

OLIVEIRA, G. C. **Relações entre a Educação Musical Especial e o desenvolvimento da comunicação social em crianças autistas**. Tese (Doutorado em Música) – Escola de Música, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2020. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/34569>. Acesso em: 23 set. 2023.

OLIVEIRA, G. C. Escala de desenvolvimento musical de crianças com autismo - Escala DEMUCA. In Oliveira, G. C.; Freire, M. H.; Parizzi, B.; Sampaio, R. T. (Orgs.). **Música e autismo: ideias em contraponto**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2022. P. 206-231.



OLIVEIRA, G. C.; PARIZZI, B. Protocolo Organizador da Educação Musical Especial (PROEME): uma proposta para o planejamento docente. **ORFEU**, Florianópolis, v. 8, n. 2, p. 1-17, jun. 2023. Disponível em: <https://revistas.udesc.br/index.php/orfeu/article/view/23407>. Acesso em: 01 nov. 2023.

PAREJO, E. Edgar Willems, Um pioneiro da educação musical por Enny Parejo. *In*: MATEIRO, Teresa; ILARI, Beatriz (org.). **Pedagogias em Educação Musical**. Curitiba: InterSaberes, 2012. p. 89-124.

PEREIRA, G L.; DIAS, E. C. de J.; SANTANA, L. da S. R.; VASCONCELOS, M. C. S. Musicalização com mães de crianças autistas: um relato de experiência em um Projeto Social. *In* XXVI Congresso Nacional da Associação Brasileira de Educação Musical (ABEM). Ouro Preto. **Anais...** Ouro Preto: ABEM, 2023. Disponível em: <https://www.abem-submissoes.com.br/index.php/xxvicongresso/XXVICongresso/paper/viewFile/1628/1124>. Acesso em: 06 jun. 2024.

PLATÃO. **República**. trad. Enrico Corvisieri. Rio de Janeiro: Editora Best Seller, 2002.

SANTANA, L. S. R. *et al.* “Música Para olhar do lado de dentro”: relato de experiência de um projeto desenvolvido com crianças com Transtorno do Espectro Autista. *In* XXIV Congresso Nacional da Associação Brasileira de Educação Musical (ABEM). Campo Grande. **Anais...** Campo Grande: ABEM, novembro, 2019. Disponível em: <https://abem-submissoes.com.br/index.php/xxivcongresso/2019/paper/view/19/26>. Acesso em: 06 nov. 2023.

SANTANA, L. S. R. **Música para olhar do lado de dentro**”: A Educação Musical e sua influência para o desenvolvimento de crianças com Transtorno do Espectro Autista. 119 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Artes/Música) – Universidade Estadual de Montes Claros, Montes Claros, 2019.

SANTANA, L. S. R. S.; SILVA JÚNIOR, J. D. Desenvolvimento Musical de Crianças Autistas com Transtorno Neurossensorial na Educação Musical. *In*: XIII Encontro Regional Sudeste da Associação Brasileira de Educação Musical (ABEM). Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: ABEM, novembro, 2022. Disponível em: http://www.abemeducacaomusical.com.br/anais_ersd/v5/papers/1311/public/1311-5425-1-PB.pdf. Acesso em: 20 ago. 2023.

SANTANA, L. S. R. S.; SILVA JÚNIOR, J. D.; SAMPAIO, R. T. Reflexões Sobre o Aprendizado de Música de Uma Criança Com Transtorno do Espectro Autista a Partir de Observações Sobre a Integração Sensorial: Um Estudo de Caso.





ORFEU, Florianópolis, v. 8, n. 1, p. 21 - 25, jun. 2023. Disponível em:
<https://revistas.udesc.br/index.php/orfeu/article/view/23407>. Acesso em: 01 nov. 2023.

SANTANA, L. S. R. S. **Educação Musical e Integração Sensorial**: abrindo possibilidades de desenvolvimento para crianças autistas. Dissertação (Mestrado em Música) – Escola de Música, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2023. Disponível em:
<https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/66437>. Acesso em: 23 dez. 2023.

VASCONCELOS, V. C. **Meninas e mulheres com transtorno do espectro do autismo: diagnósticos, reconhecimentos e vivências**. 2022. 29 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Educação Especial) – Universidade Federal de São Carlos. São Carlos, 2022. Disponível em:
<https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/15923>. Acesso em: 20 jun. 2023.





Lenilce da Silva Reis Santana é autista, doutoranda em Música pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Mestre em Música também pela UFMG e licenciada em Artes/Música pela Universidade Estadual Montes claros (Unimontes). Professora do Departamento de Artes, Curso Licenciatura em Música da Unimontes. Tem experiência no campo da formação de professores sobre Educação Musical Inclusiva com ênfase nos Transtornos de Neurodesenvolvimento, Integração Sensorial e Adaptações de atividades inclusivas.

<https://lattes.cnpq.br/0374350639651848>

Gabryelle de Lima Pereira é mestranda em Educação Musical pela Universidade Federal da Bahia (UFBA), licenciada em Música pela Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), saxofonista da Banda Filarmônica 30 de Junho e professora de música na Escola Semente do Amanhã. Atuou como monitora voluntária no Projeto “Música para olhar do lado de dentro”, realizado no Centro de Referência Municipal para Pessoas com Transtorno do Espectro Autista Dr. Ildes Ferreira de Oliveira (CER - TEA), sob orientação da Mestre Lenilce Santana.

<https://lattes.cnpq.br/7550374959703299>

